

Uma escola que ensinava como morrer: a confraria da Boa Morte dos jesuítas na cidade da Bahia (1682-1759)*

LUCIANA ONETY DA G. SOBRAL **

No presente artigo, apresentaremos a Confraria da Boa Morte dos jesuítas da Bahia e sua escola aberta a todos os interessados em aprender a bem morrer. Essa irmandade, que se reunia na igreja do Colégio, atuou desde sua fundação em 1682 até 1759 quando os inicianos foram expulsos do Império português. Sua história chegou até nós através de duas obras escritas por padres que atuaram como diretores espirituais da escola-confraria: a *Escola de Bem Morrer* de autoria de Antonio Maria Bonucci e a *Breve Direção para os Exercícios da Boa Morte* de José Aires e revelam um rico panorama da sensibilidade religiosa em vigor na Cidade da Bahia durante o tempo em que a confraria esteve em atividade.

Palavras-chave: Confraria, Boa Morte, Jesuítas, Bahia.

A school that taught how to die: the Brotherhood of the Good Death of the Jesuits in the City of Bahia (1682-1759)

In this article we present the Brotherhood of the Good Death Jesuits of Bahia and its open to anyone interested in learning how to die well school. This fellowship, which met in the church of the College, he served since its founding in 1682 until 1759 when the ignatian were expelled from the Empire portuguese. His story came to us through two books written by priests who acted as spiritual directors of school-brotherhood: the *School of Dying Well* written by Antonio Maria Bonucci and *Quick Exercises Directorate for the Good Death* of José Aires and reveal a rich panorama religious sensitivity in force in the City of Bahia during the time that the brotherhood was active.

Keywords: Brotherhood, Good Death, Jesuits, Bahia.

* Este artigo foi extraído da dissertação apresentada ao PPGH/UFBA em 2014, sob orientação do prof. Dr. George Evergton Sales Souza, intitulada: *A morte como escola: a presença da pedagogia de bem morrer na Cidade da Bahia (1640-1759)*.

** Especialista em História Social e Econômica pela Faculdade São Bento da Bahia e Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia.

A sociabilidade confraternal encontra suas origens na Idade Média, quando indivíduos com vinculações profissionais e econômicas se reuniam a fim de ajudarem-se mutuamente. Naquele contexto, as afinidades religiosas exerciam um aspecto secundário, porém, com o passar do tempo os aspectos devocionais ganharam relevância por iniciativa das ordens regulares, como um reforço às obras caritativas e “meio de participação mais intensa na atividade eclesiástica e estágio intermediário entre a vida cristã no século e a vida religiosa em comunidade”¹.

Presentes em quase todas as comunidades a partir do século XIII, essas associações leigas de cariz religioso contribuíram na assistência espiritual e material às populações que, sob a invocação de um santo, a quem rendiam reverência, prestavam socorro na vida e na morte aos confrades, colaborando para a vivência do catolicismo em nível comunitário, particularmente, após o Concílio de Trento².

Divididas, grosso modo, em irmandades e ordens terceiras, giravam em torno de uma devoção específica, podendo ser regidas por regras e/ou estatutos, compromissos de solidariedade e de sociabilidade entre seus integrantes³. Poderiam ser do tipo devocional ou obrigacional, sendo as primeiras sujeitas às jurisdições eclesiásticas e seculares, possuidoras de livros internos próprios e regidas por normas estatutárias acordadas entre os confrades e, em alguns casos, utilizavam vestimentas específicas para cada cerimônia (opas, capas, hábitos). As confrarias devocionais estavam isentas de tais formalidades, restringindo-se a comemorar as festas de seus oragos e a praticar ofícios religiosos apenas enquanto exercessem atração sobre os fiéis, o que poderia ser por um curto período de tempo. Não possuíam estatuto, nem mesa administrativa, mantendo-se por laços espirituais e devocionais em torno de um orago ou de uma crença específica, normalmente contando apenas com um conjunto de regras a serem seguidas pelos irmãos confrades.

Tanto as irmandades como as ordens terceiras eram formadas, sobretudo por leigos, mas as segundas se associavam a ordens religiosas conventuais como as franciscanas, carmelitas e dominicanas, o que lhes conferia maior prestígio e sustentabilidade. Os motivos para o ajuntamento de membros que resultava na ereção de uma confraria eram os mais variados, desde motivações puramente devocionais até guerras e cataclismos⁴. Os membros dessas

1 António Henrique de Oliveira Marques. *A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida quotidiana*. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1974. p. 169.

2 Após Trento, para além de seu papel assistencial e amalgador, as confrarias se tornaram veículos para o exercício de um poder paralelo que ganhou espaço dentro da sociedade, movimentando uma economia de missas e sufrágios crescente desde a Idade Média, o que levou a Igreja Católica a implementar inúmeras medidas de controle. Um exemplo dessa intervenção é a Constituição *Quaecumque* de 7 de fevereiro de 1604 outorgada pelo Papa Clemente VIII que emanou diretrizes para a formação e manutenção das confrarias. Cf. Antonio Xavier de S. Monteiro. *Código das Confrarias*: resumo do Direito Eclesiástico, Civil, Administrativo e Criminal relativo a estas associações. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1870. p. 9-11.

3 Não nos parece plausível estabelecermos uma diferenciação entre os termos confraria e irmandade, uma vez que nem os vocabulários e dicionários de época, nem os direitos canônico e civil comportam distinções entre os mesmos. Como exemplo, citamos Bluteau para quem o termo confraria seria o equivalente a “*Irmandade. Ajustamento de várias pessoas para exercícios espirituais*” Cf. Raphael Bluteau. *Vocabulário português e latino* [...]. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. Tomo II. p. 460. Fundamentalmente, a legislação canônica referente às confrarias setecentistas encontra-se consubstanciada na Constituição *Quaecumque* que vigorou por longo período de tempo sem que houvesse grandes modificações em seu escopo. Esse documento refere-se a confrarias, irmandades, associações piás e congregações sem explicitar qualquer diferença em sua significação. Cf. Antonio Xavier de S. Monteiro. *Op. cit.* passim.

4 A Confraria dos Servos do Bom Senhor Jesus Cristo erigida em 1432 em Lisboa, tinha a esperança de granjear a misericórdia divina por ocasião de uma epidemia de peste que se alastrou pela cidade ceifando centenas de vidas. Ana Cristina Araújo. *A morte em Lisboa*: atitudes e representações, 1700-1830. Lisboa: Ed. Notícias, 1997. p. 170. Em Toulouse, na França, em 1210 foi instituída uma confraria com finalidades militares e religiosas para o combate às heresias medievais. Sua importância pode ser dimensionada pela quantidade de adesões, pois em apenas um ano ela já contava com 5.000 homens inscritos. Cf. Gabriel Le Bras. ‘Les confréries chrétiennes: problèmes et méthodes’. In: *Revue historique de droit français et étranger*, 1940 (SER 4, A-19) – 1941 (SER 4, A-20), p. 310.

associações recebiam o título de confrades ou irmãos e a eles ofereciam-se privilégios espirituais de grande valia, qual seja, indulgências em vida e sufrágios depois da morte, vinculando prática e pensamentos voltados à assistência uns dos outros nos momentos de maior necessidade⁵.

No Brasil, as confrarias, sob as mais diversas invocações, abundaram, desde o princípio da colonização, como uma resposta ao desafio de se zelar pela alma dos fiéis, vivos e mortos, frente a condições bastante inóspitas⁶. Infelizmente, ainda carece-se de estudos mais abrangentes de geografia confraternal nos moldes realizados na Europa, talvez pela dificuldade de acesso à documentação ou devido à provável inexistência dessas fontes. Ainda assim, alguns trabalhos vêm sendo feitos a partir dos arquivos portugueses, e têm surtido bons resultados, angariando importantes informações. Lucilene Reginaldo, por exemplo, afirmou que os séculos XVII e XVIII foram o “período áureo destas organizações tanto na colônia como na metrópole” e que apenas durante a segunda metade do século XVIII, 65 irmandades no Arcebispado da Bahia enviaram seus compromissos para serem aprovados em Lisboa, sendo que destas, 28 originavam-se da Cidade da Bahia⁷.

A confraria da Boa Morte dos jesuítas: das origens em Roma até sua chegada na Bahia

No século XVI surgiram na Itália algumas confrarias sob a invocação de Nossa Senhora da Boa Morte, a exemplo da *Arciconfraternità di S. Maria dell’Orazione e Morte* de Roma ereta em 1538 e as *Confraternitas della Buona Morte de Urbania* de 1571 e de *Cannara* de 1577. Em 2 de outubro de 1648, o sétimo geral da Companhia de Jesus, Vicente Caraffa, instituiu na Igreja de Gesù de Roma, sob o título de Cristo morto na cruz e de Nossa Senhora sob os auspícios de São José, a Confraria ou Congregação da Boa Morte, que gozou logo de início de grande aceitação⁸. Inocêncio X a confirmou e seus sucessores de mitra, Alexandre VII, Inocêncio XII e Benedito XIII, a revestiram de indulgências parciais e plenárias. O objetivo e benefício individual de se fazer parte desta confraria era o de fomentar o confrade para, através do ajuste de sua vida, manter-se preparado diariamente para o derradeiro combate a ser travado na última hora que “nous garantit la victoire au bout de la carrière”⁹. Quanto ao papel de utilidade pública exercido pela confraria,

A confraria de S. Giovanni Decollato de Florença, fundada no século XV, especializou-se no acompanhamento e enterramento de condenados à forca. Cf. A. J. R. Russell-Wood. *Fidalgos e filantropos*: a Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1755. Trad. de Sérgio Duarte. Brasília: Ed. UnB, 1981. p. 2.

5 O estatuto da Confraria do Santíssimo Sacramento da paróquia de Coêsmes, na diocese de Rennes, redigido em 1653, contém a seguinte advertência: ‘Infeliz de quem é sozinho, pois, se cair, ninguém estará lá para levá-lo: mais vale ser dois que um, pois tira-se proveito da sociedade e da companhia’ *apud* François Lebrun. ‘As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal’ In: Philippe Ariès e Roger Chartier (Orgs.) *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Comp. das Letras, 1991. Vol. 3. p. 89.

6 Renato Cymbalista. *Sangue, ossos e terras*: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 239-240.

7 REGINALDO, Lucilene. *Op cit.*, p. 71-72.

8 ‘Alli 2. D’ottobre 1648 si cominciò la divotion’della veneration del ss.m Sacramento in honor delli dolori del Crucifisso, e della B.ma Vergin sotto la croce per ottenta [sic] la buone morte, con concorso grande d’gente, e applauso universale’. “Aos 2 de outubro de 1648 se começou a devoção da veneração do Santíssimo Sacramento em honra da dor do crucifixo, e da Virgem da Boa Morte sob a cruz que ostenta a boa morte, com grande concurso de gente, e aplauso universal” (tradução livre). ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ARSI). Rom, 132, f. 158 v *apud* Michael W. Maher. ‘Jesuit promotion of frequent communion’ In: John Patrick Donnelly e Michael W. Maher (Orgs.) *Confraternities and Catholic Reform in Italy, France, and Spain*. Sixteenth Century Essays & Studies. Vol. 44. Kirksville: Thomas Jefferson University Press, 1999. p. 90.

9 Reza o trecho na íntegra: “La Confrérie de la Bonne-Mort, qui nous instruit si bien à régler notre vie, et qui, par l’apprentissage journalier qu’elle nous fait faire du dernier combat, nous garantit la Victoire au bout de la carrière”. « A Confraria da Boa Morte que nos instrui a bem regular nossa vida, e que, pela aprendizagem diária, nos leva ao derradeiro combate, nos garante a Vitória ao Final da carreira” (tradução livre). Cf. L’Abbé Giraud. *Manuel des principales Devotions et Confréries*. Auxquelles sont attachées des indulgences. Lille: L. Lefort, 1844. p. 21. Uma

afirmou o abade Giraud

c'est que ses membres sont appelés à remplir, auprès des infirmes et des malades, le ministère d'anges de paix, de bon conseil et de pieuse assistance: leur inspirant des sentiments de foi et de confiance en Dieu; les exhortant à unir leurs souffrances à celles de Notre-Seigneur Jésus-Christ et à recevoir les sacrements; prêtant eux-mêmes leurs soins pour disposer convenablement, à cet effet, l'habitation du malade¹⁰

Sua função precípua deveria estar perfeitamente ajustada ao quanto emanado pelo Concílio Tridentino, qual seja, a reforma da vida dos fiéis e, para tanto, a manutenção de uma memória da morte como leme norteador das ações e aspirações, tanto individuais, quanto coletivas.

Um modelo de morte da maior relevância foi o de Maria Santíssima, a Nossa Senhora da Boa Morte, com a afirmação de sua maternidade divina e o dogma da virgindade perpétua¹¹. No Oriente, criou-se a crença apócrifa de que Maria teve seu corpo preservado da corrupção, sendo elevado no que se chamou de Dormição e Trânsito Mariano¹². No Ocidente, a celebração da Assunção de Maria na glória de Deus foi introduzida no calendário litúrgico por influência de ordens monacais no século VII, sendo assimilada primeiro em Roma, depois na França e Inglaterra, espalhando-se pelo restante da comunidade cristã.

O século XIV assistiu ao surgimento de inúmeras epidemias, em especial, a Peste Negra que ocasionou rupturas bruscas no cotidiano das vilas e cidades, levando as pessoas à insegurança e angústia com relação ao futuro, promovendo o medo coletivo¹³. Nesse cenário, "o exemplo da Dormição e da Assunção de Maria tornou-se imprescindível. Sua morte, considerada como um simples sono, inspirava os fiéis a vencerem com serenidade e contrição a última etapa da existência terrena"¹⁴. Com os avanços reformistas, que incluíam severas críticas ao culto mariano, os teólogos católicos transformaram em doutrina o que até então era uma convicção piedosa alicerçada em textos apócrifos¹⁵. Os jesuítas foram grandes incentivadores do culto mariano,

das diferenças entre as confrarias da Boa Morte eretas anteriormente e a fundada por Caraffa é que aquelas prestavam assistência *post-mortem* aos irmãos e aos necessitados, em especial, aos condenados à morte, angariando fundos para seu enterramento e pagamento de missas, enquanto a jesuíta dedicava-se à conversão espiritual e preparação para uma morte piedosa que deveria acontecer antes da hora derradeira, sendo a dedicação aos rituais fúnebres dos confrades uma obrigação necessária, porém, secundária.

10Reza o trecho: "está em que seus membros são chamados a cumprir ao pé dos doentes e enfermos o ministério de anjos da paz, de bom conselho e de pia assistência: inspirando-lhes sentimentos de fé e de confiança em Deus; exortando-os a unir os seus sofrimentos aos de Nosso Senhor Jesus Cristo e a receber os sacramentos; prestando-lhes eles mesmos os seus cuidados para se dispôr convenientemente, para este fim, à residência do enfermo" (tradução livre). L'Abbé Giraud. *Op cit.*, p. 180.

11O modelo de santidade mariano associado ao da boa morte vinha sendo construído e lapidado desde o século V. Cf. Simon Claude Mimouni. *Dormition et Assomption de Marie: histoire des traditions anciennes*. Paris: Editions Beauchesne, 1995. 716 p.

12 Mimouni pesquisou 62 relatos apócrifos sobre a Dormição de Maria em textos síriacos, gregos, etíopes, árabes, coptas, armênios e latinos que vão da segunda metade do século V ao final do século VI. Segundo ele, os bizantinos ao se referirem ao falecimento de Maria utilizavam a palavra grega *Koimesis* que significa sono e o que todos os relatos exprimem em comum é a ideia de incorruptibilidade do corpo da mãe de Cristo, ainda que a destinação deste não seja consensual entre os autores analisados. Simon Claude Mimouni. *Op cit.*, *passim*.

13 Segundo Delumeau "a epidemia obrigava a considerar cada minuto como um *sursis* e a não ter outro horizonte diante de si que não o de uma morte próxima" Cf. Jean Delumeau. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 125

14 Sabrina Mara Sant'Anna. *A Boa Morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822)*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura. PPGH/Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 13.

15 O termo apócrifo significa oculto, secreto e apesar de ser atribuído a textos e obras consideradas pela Igreja

divulgando-o exaustivamente “nunca perdeu ocasião de proclamá-lo em sermões, pláticas y escritos como defensora de la Fe, madre de todos los predestinados e instrumento para alcanzar el cielo”.¹⁶ Entre os séculos XVI e XVIII a reação católica incrementou o culto a Nossa Senhora criando festas como a do Rosário, das Mercês, do Nome de Maria e difundiu a tradição de coroar as imagens de Maria como sinal de sua realeza e de a proclamar rainha de diversos países, dentre os quais França, Espanha e Portugal¹⁷.

Até o momento não se sabe ao certo quando surgiu a primeira confraria com invocação de Nossa Senhora da Boa Morte em solo português, nem qual a ordem religiosa que a teria instituído. Martins afirma que desde 1658 em Lisboa, já existia uma confraria desse tipo fundada pelos jesuítas e frei Agostinho de Santa Maria relatou que em 1717, na Capela Real, erigiu-se uma irmandade em nome da Senhora da Piedade e Boa Morte e que “Os primeyros que se matricularão no livro da Irmandade foraõ suas Magestades [...], como são devotissimos da Senhora, assistem presente em as tribunas a esta festa, em que he muyto grande o concurso da Corte”¹⁸.

No Brasil, a situação não é diferente. Não existem dados que possam afirmar qual tenha sido a primeira confraria da Boa Morte ereta, nem quais religiosos foram responsáveis por sua instituição. Segundo o jesuíta Antonio Maria Bonucci, desde 1677 (29 anos após a fundação em Roma) essa devoção estava sendo introduzida nas igrejas dos principais colégios da Companhia de Jesus na América¹⁹. Na Cidade da Bahia, foi fundada em 1682 uma confraria da boa morte inaciana. Sua história, objetivos, regras e liturgia chegaram até os dias atuais através de dois livros escritos por padres da Companhia de Jesus.

De julho de 1698 a novembro de 1700 foram emitidas as permissões oficiais da Companhia de Jesus, do Santo Ofício, do Ordinário e do Paço em Portugal, para se reimprimir um “livrinho” intitulado *Escola de bem morrer aberta a todos os christãos, & particularmente aos moradores da Bahia nos exercicios de piedade, que se praticam nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte*. A primeira impressão se deu no ano de 1695 no formato in-8 e a segunda in-12²⁰. A impressão ficou a cargo da Oficina de Miguel Deslandes que na época ocupava o importante cargo de Impressor Régio, em substituição ao falecido Antônio Craesbeeck de Mello²¹.

Finalmente reimpresso em 1701, tratava-se de um manual de orientação doutrinária e litúrgica dedicado aos confrades da Irmandade da Boa Morte, de autoria do jesuíta Antônio Maria

como não canônicas, a literatura apócrifa possui relevância devocional porque, mormente, é responsável por propagar questões doutrinárias condizentes com as resoluções oficiais Cf. Sabrina Mara Sant’Anna. *Op cit.*, p. 3-4.

16 “nunca perdiam a ocasião de proclamá-lo em sermões, práticas e escritos como defensora da Fé, mãe de todos os predestinados e instrumento para alcançar o céu” (tradução livre). Cf. Fermin Marín Barriguete. ‘Los jesuítas y el culto mariano: la Congregación de la Natividad en la Casa Profesa de Madrid’ In: *Tempos Modernos*, v.9. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2003-04. p. 1. Ainda, segundo MAHER, durante os anos de 1593 e 1648 a Igreja de Gesù de Roma reforçou a devoção a Maria Santíssima, tornando-a uma de suas principais invocações, patrocinando seis diferentes congregações marianas: Assonta (1593), Natività (1594), Annunziata (1595), Concettione (1595), Concettione della Madonna (1648) e Buona Morte (1648). Cf. Michael W. Maher. *Op cit.*, p. 81.

17 Geraldo J. A. Coelho. ‘A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos’ In: *Revista da Faculdade de Letras*, série II, vol. 4.Porto: História, 1987. p. 229.

18 Frei Agostinho de Santa Maria. *Santuário Mariano, e historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]*. Tomo Sétimo. Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721. p. 161, 162.

19 Antonio Maria Bonucci. *Escola de Bem Morrer*. aberta a todos os christãos, & particularmente aos moradores da Bahia [...]. 2ª impressão. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1701. p. 143.

20 Não conseguimos até o presente encontrarmos nenhum exemplar da primeira impressão da *Escola*, mas sabemos de sua existência através de carta escrita pelo procurador da Companhia de Jesus, João da Rocha, em 28/10/1698 em Lisboa, para o Geral da Companhia em Roma, Padre Thyro Gonçalves. ARSI. Bras., 311, f. 53, em que cita a existência de uma primeira edição da obra. Ainda segundo BACKER: “L’école ou l’on apprend à bien mourir. En Portugais. Lisbonne, 1695, in-8, et 1701, in-12” Cf. Augustin et Alois Backer. *Bibliothèque des écrivains de La Compagnie de Jésus ou Notices Bibliographiques*. Liège: L. Grandmont-Donders Libraire, 1853, Vol. 1. p. 111.

21 Miguel Deslandes tornou-se impressor real por alvará lavrado a 6/10/1687, além de impressor do Tribunal da Cruzada Cf. Xavier da Cunha. *Impressões Deslandesianas*. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1895. Vol. 2. p. 673.

Bonucci²². Enquanto esteve na Bahia, exerceu o cargo de diretor espiritual da Confraria da Boa Morte entre os anos de 1696 e 1703.

Em 1726 saiu dos prelos lisboetas o livro do também jesuíta José Aires intitulado *Breve direção para o santo exercício da boa morte: que se pratica nos domingos do anno na igreja dos padres da Companhia de Jesus do Collegio da Bahia*, dedicado aos irmãos da Boa Morte, foi impresso na Oficina da Música. Em linhas gerais, essa obra repete as diretrizes da Escola de Bem Morrer de Bonucci, mas com ênfase na descrição do ritual litúrgico²³.

Tanto Bonucci quanto Aires ocuparam o cargo de diretores espirituais, exercendo a função de mediadores pedagógicos capazes de possibilitar ao exercitante as condições necessárias para que este atingisse a experiência interior da fé genuína²⁴. Ambos tiveram a preocupação em manter o aparato bibliográfico necessário à realização dos exercícios piedosos imprescindíveis a uma boa morte cristã, conforme se apreende de seus esforços em publicar obras que servissem de auxílio nessa questão.

Sobre a origem e chegada da confraria à Bahia, Aires afirmou que ela remontava à Itália, tendo passado por Portugal até chegar à Bahia. Ele declarou que em 1682, ou seja, trinta e quatro anos após a fundação da primitiva (*prima primaria*) Confraria da Boa Morte em Roma, erigiu-se a primeira confraria desse tipo na Bahia, na igreja do Colégio dos Jesuítas no Terreiro de Jesus. Na época, o cargo de provincial era ocupado por Antonio de Oliveira²⁵ que estivera em 1680-81 em Roma como procurador. Ao retornar ao Brasil em 1681, trouxe consigo alguns padres italianos, dentre os quais, Bonucci. Seu secretário pessoal, padre Mateus de Moura, escreveu em 1684 uma carta elencando algumas das principais obras realizadas pelo padre Oliveira, dentre as quais o estímulo às confrarias marianas e o estabelecimento da “Congregação de Nossa Senhora da Boa Morte em todos os grandes Colégios (do Brasil)”²⁶. Através dessa informação, deduz-se que a confraria baiana foi instituída por Oliveira, sendo a primeira do Brasil ereta por jesuítas. Ademais, o fato do padre Antonio de Oliveira ter passado um tempo em Roma, antes de voltar ao Brasil como provincial e, logo após sua chegada, erigir a confraria da Boa Morte na Bahia e, em seqüência, fazer o mesmo em outros colégios, aponta para uma provável missão (ou projeto) confiada a ele

22 Poucas são as informações sobre a vida pessoal de Bonucci. Sabe-se que ele nasceu na cidade italiana de Arezzo no ano de 1651 e faleceu em Roma em 1729. Entrou para a Companhia de Jesus aos vinte anos e aos trinta veio para o Brasil numa expedição liderada pelo padre Antônio Vieira. Designado inicialmente ao Colégio de Olinda onde deveria ensinar humanidades, passou logo ao Colégio do Recife onde permaneceu por dez anos. Nesse período fundou uma Congregação Mariana (1683) e logo em seguida a Confraria da Boa Morte do Recife (em data não especificada). Em 1689 comunicou ao geral da Companhia, padre Tirso González, que recebera licença do Provincial, Diogo Machado, para realizar os santos exercícios da Congregação de São Francisco Xavier, tal qual realizado no Colégio de Roma, o que demonstra seu comprometimento em estimular a devoção confraternal. Em 1696 migrou para a Bahia onde deu aulas no Colégio dos Jesuítas tornando-se em seguida secretário de Vieira nos anos finais de sua vida e o responsável pela publicação póstuma de sua última obra, *Clavis prophetarum*. Permaneceu na Bahia até 1703, quando regressou a Roma e lá permaneceu até sua morte. Legou extensa produção bibliográfica de mais de 40 obras incluindo sermões, hagiografias, elogios fúnebres e discursos panegíricos. Disponível em: <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/dic-italianos.asp?id=347>. Acesso em 10 de novembro de 2010.

23 Se raras são as informações sobre a vida de Bonucci, sobre Aires sabe-se ainda menos. Ele nasceu em Lisboa em 1672, filho de um capitão. Em 12/2/1689, aos 17 anos, ingressou na Companhia de Jesus e em 1708 professou seus votos Cf. ARSI, Bras. 06-1, f. 136. Foi reitor do Colégio do Recife, pregador e asceta, mas sua principal atividade era a de diretor dos exercícios espirituais da Boa Morte, cargo que ocupou até seu falecimento em 18 de junho de 1730 na Bahia. Cf. Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Tomo V, Livro II, cap. VI. p. 483, 584.

24 José Maria Paiva et al. *Educação, história e cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké, 2007. p. 64. Para maiores detalhes sobre a prática jesuíta de direção espiritual no passado e sua aplicação no presente, ver o cap. 4 de Frank J. Houdek. *Guiados pelo espírito*. Direção espiritual em perspectiva inaciana. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

25 Nasceu na Bahia em 1627, entrou para a Companhia de Jesus aos 14 anos. Ensinou humanidades, filosofia, teologia e moral. Em 1679 era reitor do Colégio de Olinda, foi provincial e procurador. Faleceu em 7/6/1686 vitimado pelo *Mal da Bicha* no Colégio da Bahia.

26 ARSI. Bras. 3 (2), f. 177 *apud* Serafim Leite. Op cit. Tomo VIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Tomo VIII. p. 4.

e aos inicianos que embarcaram com ele (incluindo Bonucci), de expandir as confrarias da Boa Morte pelo Brasil (*vide* tabela).

A Confraria baiana, segundo Aires, “não tem gasto nenhum, nem eleyção, nem festa particular”, vindo a atender apenas “ao proveyto espiritual das almas”²⁷. Isto permite enquadrá-la no modelo de confraria devocional e não obrigacional. Esta modalidade de confraria se mantinha enquanto houvesse interesse público em sua devoção. Uma vez que o interesse arrefecesse, a confraria deveria finalizar seus trabalhos. A Confraria da Boa Morte dos jesuítas parece ter despertado o interesse dos cristãos baianos pois, por quase oitenta anos ela ministrou seus ofícios na igreja da Companhia até seu fechamento compulsório em 1759, como indica a presença de indumentária utilizada no cerimonial da confraria encontrada em um dos altares da igreja dos jesuítas em 1760²⁸.

Quando escreveu sua Breve Direcção, Aires já contava 12 anos como diretor espiritual da Confraria, que segundo ele, crescia em número de fiéis: “vay em augmento, por que todos attendendo ao seu bem se mandão assentar por Irmãos da Boa Morte”²⁹. Mantinha a Confraria um livro de assentos de novos irmãos, que ficava em poder do diretor espiritual dos exercícios da boa morte. Ao se inscrever, o candidato recebia um escrito constando o dia, mês e ano em que realizou seu assentamento. Este documento era sua garantia de recebimento de sufrágios devidos por sua alma³⁰. Diz Aires que o livro de registros da confraria já possuía mais de 2.000 assinaturas na década de vinte do setecentos

Formou-se livro para assentar os nomes de todos, os que de hum, e outro sexo se quiserem assentar por Irmãos, o qual tenho em meu poder; e não menos, que passante de duas mil pessoas se achão escritas nelle correspondendo à proporção deste numero dos que frequentão este Santo emprego³¹

Outro elemento que merece atenção diz respeito ao local de culto da Confraria. Apesar de Aires afirmar que o altar de São Francisco de Borja “he privilegiado para todos os Irmãos da Boa morte”³², foi por trás do altar de Nossa Senhora da Paz que se encontrou durante o inventário realizado em 1760 “huma painha de talha dourada com seo docel de damasco branco, com ramos

27 José Aires. *Breve direcção para o santo exercicio da boa morte que se pratica nos domingos do anno na igreja dos padres da Companhia de Jesus do Collegio da Bahia*. Lisboa Ocidental: Oficina de Música, 1726. p. 34.

28 Em 25 de janeiro de 1760 teve início um inventário dos objetos deixados na igreja do Colégio dos jesuítas após expulsão da Companhia das terras lusas ocorrida no ano anterior. Entregue ao cabido em 5 de março do mesmo ano, consta na lista de ornamentos encontrados na igreja: “hum véo de hombros de tela encarnada, com ramos de ouro, guarnecido de galam de prata, a roda, que serve para os exercicios da boa morte” Cf. Serafim Leite. *Op cit.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. Tomo VII, Apêndice D. p. 146.

29 José Aires. *Op. cit. s/n*. Inicialmente vimos com reservas a empolgação do padre Aires sobre o relato do aumento crescente de confrades a se juntarem à Boa Morte. Entretanto, O’Malley, que escreveu importante obra sobre a Companhia de Jesus assegura que os jesuítas, de um modo geral, eram comunicadores francos em suas conversas sobre seus triunfos e fracassos: “Quando relatavam um sucesso, como sempre o faziam, devem ser tomados mais ou não ao pé da letra. A mesma presunção se aplica quando relatavam suas falhas” Cf. John W. O’Malley. *Os primeiros jesuítas*. Trad. Domingos Armando Donida. São Leopoldo: Edit. UNISINOS; Bauru: EDUSC, 2004, p. 356.

30 “Este tal escrito guardará ate a morte para que, quando Deos o chamar para si, os seus domesticos o entreguem ao Padre, para que este na primeira occasião faça a todos sabedores da sua morte, e lhes intime os suffragios, que pela alma de qualquer Irmão defunto se costumão fazer” Cf. José Aires. *Op cit.* p. 1, 2. Como Aires afirmou que a Confraria não tinha gasto nenhum, não ficou claro como se arcava com as despesas pelos sufrágios dos confrades mortos. Provavelmente, por ocasião do falecimento de um irmão, o diretor espiritual convocava os demais, e estes, voluntariamente, contribuíam para o pagamento dos sufrágios em memória do falecido.

31 Idem. *s/n*.

32 Idem. p. 34.

de ouro, e com sua renda, e franja do mesmo já velha, que serve para o exercício da boa morte³³. De um total de 12 capelas da igreja dos jesuítas, a de Nossa Senhora da Paz, pronta em 1672, figurava como a segunda em grau de importância pois logo após sua inauguração ela passou a abrigar o Santíssimo Sacramento, ocupando a posição colateral ao altar-mor, resguardando o mais sagrado dos sacramentos cristãos.

Não se conhecem os motivos da Confraria da Boa Morte manter por um tempo suas atividades no altar de São Francisco de Borja (terceiro altar colateral, ficando atrás apenas dos dedicados a São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola) e passar, em seguida, ao altar de Nossa Senhora da Paz e do Santíssimo Sacramento. Isso pode ser um indicativo do aumento de seu prestígio e não por uma mera necessidade de reordenamento espacial, pois se tal o fosse, a Confraria da Boa Morte poderia ter sido abrigada em qualquer um dos demais altares colaterais do recinto³⁴. Juntando essas informações acrescidas ao fato de ter sobrevivido como uma confraria de devoção, subsistindo de seus ensinamentos e orientações por quase oito décadas, parece certo afirmar que a Confraria da Boa Morte dos jesuítas gozou de boa aceitação no seio da comunidade baiana cristã durante o período de seu funcionamento.

Regras e cerimonial litúrgico da Confraria da Boa Morte dos jesuítas da Bahia

De acordo com as regras da Confraria, todos os confrades, com exceção dos acometidos de doença grave ou incapacitante, deveriam reunir-se sistematicamente nas tardes de domingo, “às três horas, e tres quartos, tempo, em que se faz sinal com o sino do Collegio³⁵. A reunião era pública, não ficando restrita apenas aos confrades e deveria ser de curta duração “findando-se este Santo exercício às cinco horas; não se vindo a gastar nelle mais, que o espaço de huma hora pouco mais, ou menos³⁶. O objetivo era aprender a bem morrer, da mesma forma como se ensinavam artes, letras, filosofia, matérias comuns nos cursos ministrados nos colégios inacianos. Na *Escola de Bem Morrer* se aprendia doutrina, devoção e, principalmente, a prática da boa morte

Hora assim como os Padres da Companhia de Jesu pela semana abrem suas Escolas para ensinar á mocidade Christãa não menos piedade, que as letras, assim nas tardes de todos os Domingos abrem nas suas Igrejas hua publica Escola de espirito para ensinar aos homens, & ás mulheres os verdadeiros preceitos, em que se aprende a bem morrer³⁷

O objetivo dos exercícios espirituais da confraria era atingir o maior público possível, pois “A Confraria da Boa Morte he hua Escola, aonde se ensina a arte de bem morrer, tanto mais necessária, quanto mais difficultosa³⁸. A palavra “escola” não deve ser interpretada literalmente,

33Cf. Serafim Leite. Op cit., Tomo VII, Apêndice D, p.153.

34 Um dos ensinamentos presentes na *Breve Direcção* era a obrigação de comparecer regularmente ao altar do Santíssimo Sacramento “a visitarvos, e adorarvos na Santissima Hostia consagrada, onde creyo firmissimamente que estais tão presente, como estais no Ceo”. Cf. José Aires. Op cit., p. 63.

35 Idem. p. 3. As regras da Confraria estão apensadas aos livros de Bonucci e Aires, com algumas poucas diferenças circunscritas ao estilo de escrita e de narrativa, não apresentando discrepâncias significativas de interpretação. Aires, no entanto, mostrou-se muito mais detalhista que Bonucci, por exemplo: enquanto Bonucci se limitou a afirmar apenas que os exercícios se davam nas tardes de domingo, Aires mencionou a hora exata das reuniões, como também mencionou a quantidade de confrades inscritos na Confraria, algo nunca mencionado por Bonucci.

36 Idem. p. 20.

37 Antonio Maria Bonucci. Op cit., s/n.

38 Idem. s/n.

mas, entendida no contexto de sua época e da compreensão jesuítica do uso e aplicação do termo³⁹. Para Bluteau, que era da mesma ordem e contemporâneo de Bonucci e Aires, escola significava “criação, disciplina, direção”⁴⁰ e não o espaço físico onde se ministravam aulas, o que explica a escolha por parte de Aires do termo direção e de Bonucci, escola. Além disso, O’Malley enumerou algumas características que garantiram o sucesso das escolas jesuítas na maioria dos lugares onde se instalaram: isenção de taxa de matrícula, recebimento de estudantes de todos os extratos sociais, adoção de um programa religioso simples, claro e coerente, adaptável a estudantes de diferentes idades e experiências de vida que visava acima de tudo, a interiorização de valores éticos e religiosos e o estímulo às confrarias marianas que conferia maior articulação ao programa religioso inaciano, etc⁴¹. Se cotejadas essas características gerais das escolas da Companhia com as regras da Confraria de Bem Morrer baiana, fica clara a analogia que Bonucci fez ao chamar de escola o manual que escreveu para os confrades: não se cobrava nenhum valor dos irmãos para ingresso nos quadros da confraria, a escola era aberta a qualquer interessado independente de classe social, o ensinamento era claro e pontual, adaptando-se a uma grande gama de pessoas, mostrando-se atento apenas à doutrinação do crente e, finalmente, era uma confraria mariana.

O patrono escolhido da Confraria foi São José e o dia de sua festividade 19 de março, quando todos os confrades deveriam confessar e comungar, visitando a igreja dos jesuítas desde as vésperas até as segundas⁴². Aires descreveu com riqueza de detalhes o cerimonial ordinário dos exercícios da Boa Morte. O início se dava com a saída pela sacristia do padre responsável, expondo o Santíssimo Sacramento acompanhado de quatro auxiliares: dois cantores, um incensador e um carregador de incenso. Este se dirigiria ao púlpito de onde ministrava uma série de exercícios espirituais caracterizados por diretrizes que abarcavam os mais diversos aspectos da vida espiritual e material dos presentes, na forma de orações, admoestações, súplicas e cantos. Pelo espaço de cerca de meia hora, o diretor espiritual dirigia-se ao público exortando-o à repetição de diversas petições de graças, jaculatórias e invocações a um grande número de santos: São Francisco Xavier, Santa Úrsula, Nossa Senhora da Conceição, Senhora Santana, São José, São Pedro, as Onze Mil Virgens, São Francisco de Borja, Santo Inácio de Loyola, dentre outros. Todos os santos reverenciados pela Confraria estavam representados em altares laterais no interior da Igreja da Companhia, reforçando assim a correspondência entre a imagética e a manifestação da fé.

Como a Confraria da Boa Morte não tinha obrigação estatutária de realizar festas nem enterramentos ou de prestar assistência financeira aos confrades, sem dúvida, um de seus maiores atrativos acabava sendo a concessão das cobiçadas indulgências. Essas eram extensivas a todos os irmãos desde que cumprissem com obrigações espirituais que envolviam a devoção sincera e manifestação pública de fé, além de seguir de perto o quanto emanado na bula da Santa Cruzada: “devem todos advertir que para alcançar as sobreditas Indulgencias, he necessária a Bulla da Santa Cruzada”⁴³. A bula estabelecia, dentre outras coisas, que todo cristão deveria

39 Assim justificou Alexandre de Gusmão o uso da palavra “escola” no título de sua obra: “Dou a este livrinho o título de Escola de Bethlem pelas rezões, que ao diante se apontão; repartoo em Classes, Lições, & Documentos, porque este estilo pede o nome de Escola, com que sae”. Cf. Alexandre de Gusmão. *Escola de Bethlem, Jesus nascido no Prezepio*. Évora: Officina da Universidade, 1678, s/n.

40 Raphael Bluteau. *Op cit.* Tomo III. Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. p. 217.

41 John W. O’Malley. *Op cit.*, p. 351-353.

42 São José é tido como o patrono da Boa Morte pela Igreja Católica por ter tido uma morte serena e tranquila, rodeado por Maria Santíssima e por Jesus Cristo. Cf. Cláudia Rodrigues. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 52. Uma vez que Aires afirmou que a Confraria não tinha festa própria é muito provável que os confrades participassem dos festejos do dia de São José celebrado na igreja dos jesuítas e estendidos à comunidade cristã como um todo.

43 José Aires. *Op cit.*, p. 35.

apoiar financeiramente, através de esmolas, os soldados que estavam lutando em terras estrangeiras para propagar a fé cristã, enfraquecer os infiéis e alargar as fronteiras conquistadas pela cristandade⁴⁴. Os benefícios espirituais não se restringiam apenas àqueles que colaborassem com a bula, abrangendo outras formas caritativas manifestas pelos fiéis. A disposição em atender de pronto ao quanto determinado pela Igreja, de forma humilde e disposta, era encarado como um exercício de piedade cristã, que envolvia ajudar ao próximo e divulgar os ensinamentos de Cristo em todas as oportunidades, usufruindo como recompensa os benefícios das indulgências parciais

Todos os Irmãos, que neste Templo do Collegio da Bahia ouvirem Missa, assistirem aos Divinos Offícios, attenderem à palavra de Deos, ou se empregarem em qualquer exercício santo, e pio, como he dar bom conselho, hospício aos peregrinos, esmola aos pobres, fazer algumas pazes, acompanhar o Santissimo Sacramento, ou quando vay aos enfermos, ou em procissão ensinar a Doutrina Christã aos ignorantes, acompanhar os defuntos à sepultura, ou outros semelhantes empregos, ganhão sessenta dias de Indulgencia, e quando não possão assistir a estes empregos Santos, se quando ouvirem fazer sinal para elles, resarem hum Padre nosso, e uma Ave Maria, ganhão os mesmos sessenta dias de Indulgencia⁴⁵

Havia ainda outras formas dos confrades da Boa Morte se beneficiarem das concessões papais, através do arrependimento dos pecados, confissão, comunhão, visitas à igreja dos jesuítas em dias santos do calendário litúrgico e atos de contrição cotidianos. Os irmãos da Boa Morte não eram obrigados a assistir às reuniões da Confraria aos domingos, nem de fazer coisa alguma que não quisessem, porém, o não comparecimento sem uma justificativa plausível, além da falta de adesão ao quanto emanado pelas regras era punido com a não aquisição dos benefícios espirituais outorgados pelas indulgências: "não pecca, mas também não ganha, o que se concede"⁴⁶. Era de se esperar, pelo contexto da época, que os confrades fizessem o possível para se enquadrarem nos ditames da Igreja e aproveitar todas as oportunidades para gozarem dos benefícios de seguirem de perto suas diretrizes e assim, desfrutarem daquele "tesouro inexplicável"⁴⁷. O aprendizado de um conjunto de ações que, uma vez desenvolvidas, poderia levar o cristão a qualificar-se para receber a recompensa de uma vida eterna, garantia o maior dos êxitos: a tão desejada vitória sobre a morte.

O discurso moral-ideológico da Confraria da Boa Morte

Nos dois livros que compõem o arcabouço teórico e prático dos exercícios ensinados e praticados na Confraria, a tônica presente é o conceito moral de *memento mori* associado ao de *vanitas*. *Memento mori* é a expressão latina que designa a memória da finitude da vida e, portanto, da cautela que se deve haver com o momento da morte que é impossível de ser previsto ou calculado. Já a *vanitas* é uma concepção moralista de vaidade, de futilidade diante da vida e da

44 João Luís I. Fontes. 'Cruzada e expansão: a bula *Sane Charissimus*' In: *Lusitania Sacra*, 2ª S, 7, Lisboa, 1995. p. 411.

45 José Aires. *Op cit.*, p. 34.

46 Idem. p. 34.

47 Idem. s/n.

efemeridade da existência humana⁴⁸. Fundamentada na máxima bíblica: *vanitas vanitatum et omnia vanitas*, “vaidade das vaidades, tudo é vaidade”⁴⁹, acentua o vazio das coisas humanas pois “Assim como saíu nu do ventre da sua mãe, do mesmo modo sairá desta vida, sem levar consigo nada do que adquiriu”⁵⁰. A reflexão presente nos livros de Bonucci e Aires sobre a torpeza e efemeridade da condição humana é consistente com as concepções defendidas pelo maior orador jesuíta, contemporâneo de Bonucci, padre Antonio Vieira

O pó somos nós: Qui pulvis es: o vento é a nossa vida: Quia ventus est vita mea: Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos pó levantado, os mortos pó caído; os vivos pó com vento, e por isso vão; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distinção, e não há outra⁵¹

A tríade inaciana apresentou a morte como uma realidade concreta que determinava o fim das ilusões de uma vida mundana, dissoluta e fugaz. Para os confrades da Boa Morte, e porque não dizer, para todo cristão devoto, esta constatação acerca da morte deveria manifestar-se até nos momentos mais corriqueiros, como por exemplo, ao vestir-se

Em quanto se esta vestindo, lembrese, que algum dia o não hade poder fazer, antes outros o vestirão com huma mortalha para ir em pés alheyos, para a sepultura, e com esta consideração evitará naquelle dia tudo, o que na hora da morte não queres ter obrado⁵²

Esse discurso, altamente moralizante e homogeneizador, fazia parte do padrão seguido pelas *ars moriendi* que dava ênfase ao preparo ininterrupto para salvaguardar o cristão de ser vítima de uma morte repentina, desprovida dos elementos indispensáveis à salvação de sua alma, quais sejam: contrição, comunhão e extrema-unção⁵³. A chamada “arte de los artes y ciencia de las ciencias” pelo franciscano Juan de Madri⁵⁴, surgiu no século XIV e declinou no século XVIII na França e no XIX em Portugal e Espanha, provavelmente como consequência da secularização das atitudes diante da morte. Tipo literário e iconográfico altamente difundido na Europa, tinha como diferencial em relação à literatura religiosa vigente na época, um discurso de ênfase não no Juízo Final ou escatológico, mas no individual que envolvia a preparação para bem morrer como parte primordial da salvação da alma⁵⁵.

Quando Bonucci abordou a questão da solidão na hora derradeira ao dizer que “para

48 Yaci-Ara Froner. “*Vanitas*: uma estrutura emblemática de fundo moral” In: *Revista de História da Universidade do Estado de São Paulo*, n. 136. FFLCH/USP, São Paulo, n. 136, 1997. p. 13.

49 *Bíblia Sagrada*. Livro do Eclesiastes, cap. 1, vers. 2.

50 Idem. Livro do Eclesiastes, cap. 5, vers. 15.

51 Antonio Vieira. ‘Sermão de Quarta-feira de Cinzas, ano de 1672’ In: _____. *A arte de morrer: os sermões de Quarta-feira de Cinza de Antonio Vieira/concepção e organização*, prefácio, notas e cotejo com a *editio princeps* Alcir Pécora. São Paulo: Nova Alexandria, 1994. p. 54.

52 Idem. p. 36.

53 Philippe Ariès. *Sobre a história da morte no Ocidente*. Portugal: Teorema, 1975. p. 34.

54 Fray Juan de Madri. *Milicia sagrada instituyda contra todo el poder del infierno, para socorro de las Almas en el Articulo de la Muerte*. Madrid: 1697. p. 164.

55 Ana Cristina Araújo encontrou 129 títulos e 261 edições que saíram dos prelos portugueses entre o final do setecentos e meados do oitocentos, atingindo seu ápice entre 1726 e 1750. Ela observou ainda que após 1750 houve uma queda vertiginosa no número de obras dedicadas às *artes moriendi* em Portugal e associa como um dos possíveis motivos, a expulsão da Companhia de Jesus do Império Português. Cf. Ana Cristina Araújo. *Op cit.*, p. 443.

chegarmos com felicidade aquella ultima & solitaria hora da morte, em que todas as creaturas nos deixão, & nella fazermos hum inteiro sacrificio do espirito a Christo”⁵⁶ ele demonstrou estar em perfeita harmonia com o discurso de valorização da experiência individual do morrer cristão, tal qual padronizado pelas *artes moriendi*. Ele endossou ainda o particularismo do julgamento ao afirmar

Pois cada hum de nós he que ha de morrer; cada hum de nós he que ha de ser julgado; cada hum de nós he que ha de ter, ou sentença de condemnado para o inferno, se morrer em peccado; ou sentença de escolhido para o Paraiso, se morrer em graça⁵⁷

Os exercícios espirituais de Inácio de Loyola, tidos como a alma da Companhia de Jesus, pois deles emana a espiritualidade e a forma de conceber a vida e o viver para os jesuítas (tornando-se o principal instrumento para o ministério e fonte de inspiração para os seus escritores), atestam uma vocação para a interiorização da fé, a meditação e reflexão acerca dos temas doutrinários⁵⁸. O jesuita recomendava o exame regular de consciência, a confissão e comunhão semanais, além de ensinar alguns métodos de oração e os elementos básicos do catecismo cristão. Todas essas ações eram voltadas à purificação da alma e preparo para uma vida cristã e uma morte redentora.

A *Escola de Bem Morrer* de Bonucci e a *Breve Direção* de Aires estão em consonância com os ideais inicianos expressos nos *Exercícios* que dizem respeito à interiorização da fé e aos exercícios para se purificar a consciência que envolve a oração mental. Percebe-se a ênfase dada aos exercícios meditativos e a prática da fé como manifestação do sentimento religioso. Não à toa Loyola utilizou a palavra “*exercícios*” para definir as regras de uma pedagogia eminentemente ativa. Importava para o fundador da Companhia a vivência, o envolvimento do exercitante como um todo, em pensamentos e ações vinculados à necessidade de introspecção, que se daria através do exame particular, realizado cotidianamente.

Quando examinadas a fundo, tanto a *Escola de bem morrer* de Bonucci como a *Breve Direção* de Aires, percebe-se que a preparação para a morte assumiu um caráter empírico, conformado ao método jesuítico de reflexão sobre o viver e o morrer cristão e a prática voltada a demonstrar o efeito da interiorização da fé. Essas contemplações estão brilhantemente sintetizadas nas palavras de Vieira (certamente fonte de inspiração para os inicianos) em seu Segundo Sermão de Quarta-feira de Cinza pregado em Roma no ano de 1673

Nenhuma coisa se faz bem da primeira vez, quanto mais a maior de todas, que é morrer bem. [...] as artes ou ciências práticas, não se aprendem só especulando, senão exercitando. Como se aprende a escrever? Escrevendo. Como se aprende a esgrimir? Esgrimindo. Como se aprende a navegar? Navegando. Assim também se há de aprender a morrer, não só meditando, mas morrendo [...] saber morrer é a maior façanha⁵⁹

56 Antonio Maria Bonucci. *Op cit.*, p. 1.

57 Idem. p. 62.

58 Além dos exercícios espirituais, os inicianos fundamentaram sua prática doutrinária e missionária sobre as seguintes obras: Fórmula do Instituto, Constituições, Autobiografia de Loyola e a *Ratio Studiorum*, esta última configura-se no método educacional jesuítico, voltada ao ensino e organização dos colégios da Companhia Cf. Renata D. Flecha. *Do pecado pessoal ao pecado social: a solidariedade na reatualização do ensino religioso da Companhia de Jesus*. Belo Horizonte: Tese de doutorado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 51.

59 Antonio Vieira. *Op cit.*, p. 76-77.

Nesse trecho, Vieira magnificamente expôs que na impossibilidade de escolher como se nasce, o mesmo não se pode dizer de como se morre. Para ele, a morte demandava do fiel um aprendizado, por isso, nada melhor do que morrer duas vezes para acumular experiência, sendo a primeira ainda em vida, mortificando os desejos carnis, não deixando esse compromisso apenas para os momentos finais. Mostrando coerência com o ponto de vista vieirense, Aires lembrou aos irmãos da Boa morte que

Todos sabemos que havemos de morrer, e isto não muytas vezes, senão huma só: Statutum est hominibus semel mori, e sendo isto assim, a todos nos ocorre a obrigação de aprender a bem morrer. Esta diligencia tanto incumbe aos moços, como aos velhos, aos grandes, como aos pequenos; porque todos paixão, ou hão de passar por aquella hora: Nemo est, qui semper vivat⁶⁰

Desta forma, nos trechos acima elencados, tanto Vieira como Aires endossavam a pedagogia tanatológica da Igreja Católica, segundo a qual a morte deveria permanecer presente na memória dos vivos. Delumeau afirmou que “o grande denominador comum a todas as preparações para a morte, traumatizantes ou reconfortantes, é a doutrina do *contemptus mundi*”⁶¹, dominada pelo eterno conflito entre tempo e eternidade, unidade e multiplicidade, exterioridade e interiorização, terra e céu, corpo e alma, carne e espírito, prazer e virtude. Neste jogo de antíteses, o conceito mais caro era o que considerava o mundo vão devido à sua implacável transitoriedade que diz respeito a uma postura diante da vida de contemplação da morte como algo temível, porém, desejável “porque põe um termo ao nosso desterro neste vale de lágrimas, ela abre para a luz”⁶². Bonucci reforçou esta noção e assinalou que era uma concepção corrente em sua época, reveladora da sensibilidade religiosa em vigor, ao declarar que

Ultimamente, que homem há que não deseje morrer com a morte dos justos [...] E que tal he a morte dos justos? A morte dos justos, diz o Espirito Santo no livro da Sabedoria, por estarem elles muy conformes com a vontade de Deos, & sempre na sua mão promptos ao seu dispor, não he morte, he somno, he descanso, he paz⁶³

Para que o momento do desenlace transcorresse o mais serenamente possível, nada melhor do que uma pessoa qualificada para direcionar o moribundo no caminho que lhe poderia conduzir à salvação de sua alma. Aires em dado momento de sua *Breve Direção* escreveu sobre o que chamou de *Methodo para a hora da morte* e explicou que a experiência como padre o ensinara que médicos, parentes e domésticos nem sempre estavam preparados para acompanhar os últimos momentos de um doente, sendo assim, ele passou a explicitar o método, que incluía palavras e atitudes que ajudariam o enfermo a bem morrer, desapegando-se de sua vida que chamou de “miserável escravidão” e de seu corpo ou “*carcere*” para daí viver em liberdade e glória como filho

60 José Aires. *Op cit.*, p. 85.

61 Jean Delumeau. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)*. Trad. Álvaro Lorenzini. Bauru, SP: EDUSC, 2003. Vol. 2, p. 25.

62 Jean Delumeau. *Op cit.* Vol. I. p. 56.

63 Antonio Maria Bonucci. *Op cit.*, p. 5.

de Deus⁶⁴.

A escolha por outro tipo de morte só poderia levar ao desastre e desespero, pois segundo Aires uma morte apartada dos ensinamentos bíblicos “faz temer, e tremer”⁶⁵. Vaticina o jesuíta no papel de diretor espiritual dos confrades da Boa Morte

meu muyto amado Irmão, que a lembrança do passado, a experiência do presente, e o temor do futuro he o que mais hade penalizar, e affligir a pobre Alma na ultima hora, e instante da sua assistencia neste Mundo⁶⁶

O temor presente na última hora dizia respeito à incerteza do que o futuro reservaria ao moribundo, se o céu na presença de Deus, se o inferno como pena capital ou se o purgatório como possibilidade de purificação temporária pelos pecados cometidos

Porque o pensamento da morte então será proveitoso, quando com elle se acompanhe a lembrança do Juizo, que se segue depois da morte, & atrás do Juizo a consideração daquella sentença tam formidável, que se dará, ou de eterna pena, ou de eterno premio [...]. Bem sei que lá no Purgatorio (& será grande mercê vossa ir eu lá) me esperão penas atrozes. Seja embora ssim, & seja atè o dia do Juizo, com tanto que eu seja hum daquelles venturosos prezos da vossa vontade naquelle fogo⁶⁷

A ocupação diária dos Irmãos da Boa Morte deveria ser um contínuo exercício de bem viver para bem morrer, quer a morte estivesse próxima ou não. Esta instrução fica clara na divisão proposta por Bonucci em seu manual. Ele o dividiu em exercícios remotos e próximos, os primeiros indicados aos irmãos que estivessem gozando de plena saúde e bem-estar e os segundos àqueles que se encontrassem doentes ou moribundos. Os exercícios remotos eram ainda subdivididos em três diretrizes primordiais: a primeira dizia respeito à vida purgativa, a segunda à iluminativa e a terceira à unitiva com Deus. Nesse respeito, Bonucci demonstrou estar em sintonia com a obra do “príncipe da mística”, o franciscano medievo, São Boaventura, primeiro a sistematizar a chamada Tríplice Via⁶⁸. De vertente agostiniana, ensinou que através da interioridade e da busca do conhecimento de si mesmo era possível galgar os graus da santidade. Num movimento *continuum* de evolução espiritual, pela ação, o homem experimentava o primeiro degrau rumo à união com o Ser Supremo, que consistia em conhecer a realidade através da experimentação, purgando-se de suas ilusões, atingindo a via purgativa. Em seguida, pelo desapego de si mesmo, aceitando a verdade sobre suas próprias limitações, alcançaria a via iluminativa e ao acolher a aliança com Deus seria colocado num estado de contemplação que o levaria a atingir a via final tão almejada: a unitiva com Deus⁶⁹.

Bonucci enfatizou a noção de vigilância constante ao fazer uma bela analogia entre a morte e

64 José Aires. *Op cit.*, p. 93.

65 *Idem*. p. 88.

66 *Idem*. p. 88.

67 Antonio Maria Bonucci. *Op cit.*, p. 61, 132.

68 São Boaventura nasceu como Giovanni Fidanza em Bagnoregio, Itália, entre 1217 e 1221 e faleceu em Lyon na França em 1274. Formou-se na Universidade de Paris, tornou-se franciscano ainda jovem, foi filósofo, teólogo e cardeal. Canonizado em 1482 foi declarado doutor seráfico da Igreja em 1588. Sua obra foi reunida numa *Opera Omnia* em 10 volumes, onde no tomo VII, encontramos sua sistematização da ‘tríplice via’.

69 Ricardo José Bellei. *A questão da interioridade no Itinerarium mentis in Deum de São Boaventura*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Filosofia.. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. p. 14-18.

um porto, local de ancoragem final de nossa existência. Da mesma forma que um piloto habilidoso mostra-se atento ao leme, tanto quando perto do porto como quando longe, assim é o cristão vigilante que, sem saber do exato momento de sua ancoragem, mantém-se cauteloso praticando continuamente os exercícios espirituais, próximos e remotos, a fim de aportar em segurança na hora da morte, pois “hum christão não deve morrer senão em pé”⁷⁰.

Tendo em vista a substância efêmera de que as pessoas são feitas, a sua confessa debilidade e tendência natural a voltar ao pecado, o manual de Bonucci fazia uso regular da pedagogia do medo para lembrar ao leitor de seu lugar diminuto na constelação dos favores divinos

atrás da vista vem o consentimento, & deste nascem como gêmeos o peccado, & a morte⁷¹

Traspassai, meu Deos, com o vosso temor os membros do meu corpo; porque eu me receyo muito de ambos os vossos juízos; do particular na hora da minha morte, & do universal no último dia do mundo. Este temor he o fiscal mais severo, que esquadrinha os cantos mais profundos do nosso coração⁷²

Uma das formas de manter-se preparado para uma boa morte era receber os sacramentos com frequência, em especial a eucaristia, a penitência e a extrema-unção, sempre lembrando que “sendo nós hoje verdes, & florentes na vida corporal, amanhã podemos como feno murcharmos, & morrer”⁷³, daí a importância de manter em dia a administração dos santos sacramentos, que garantiriam uma morte tranquila e adequada ao rito cristão⁷⁴. A meditação fechava com chave de ouro os meios para uma vida contemplativa, pois conduzia o cristão a viver diuturnamente refletindo sobre sua própria pequenez e insignificância diante da grandeza da bondade e sabedoria divina.

Apesar de Bonucci e Aires dedicarem seus livros aos confrades da Boa Morte, tem-se a nítida impressão de que estes foram escritos para toda a comunidade dos cristãos da Cidade da Bahia. E, mesmo sendo livros devotados a ensinar os exercícios de forma coletiva, a intenção era a de que fossem lidos e aplicados individualmente. Com as devidas diferenças, tanto Bonucci quanto Aires intentaram divulgar e manter um padrão de conduta condizente com a proposta da *Escola de Bem Morrer* da Confraria da Boa Morte dos jesuítas, fundamentada no pensamento cristão de culto à morte e ao morrer cristão. Ambas são obras que se complementam de forma excepcional.

A *Escola* de Bonucci pode ser definida como um manual doutrinário e litúrgico, simples, direto, pragmático, contendo uma enorme gama de informações precisas de como se preparar diuturnamente para uma morte cristã que capacitasse o fiel a salvar sua alma do inferno ou extraí-la com a maior brevidade possível das penas purgatoriais. O manual de Bonucci é um exemplo do tipo de empresa que lança mão de todos os esforços para convencer, reunir e subordinar. O livro deixa claro os deveres e as vantagens para quem se sujeitasse às determinações contidas em suas

70 Antonio Maria Bonucci. *Op cit.* p. 80.

71 *Idem.* p. 28.

72 *Idem.* p. 33.

73 *Idem.* p. 48.

74 Para LEBRUN, os sacramentos são “atos religiosos que marcam as grandes etapas da vida de cada um e têm um duplo significado que nos permite falar em ritos de passagem, conquanto se situem no plano religioso: cada um dos sacramentos [...] considera o indivíduo em suas relações pessoais com Deus, porém as cerimônias que o acompanham traduzem sua participação na comunidade paroquial e na comunidade invisível da Igreja universal. Assim é lembrado de que o grande objetivo de cada cristão é sua própria salvação”. A eucaristia, a penitência e a extrema-unção visam ajudar o moribundo a ter uma boa morte. A obrigatoriedade da administração desses sacramentos era vista como uma necessidade e tinha um objetivo: o de alcançar a vida eterna Cf. François Lebrun. “As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal” In: Roger Chartier (Org.). *História da vida privada*. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Vol. 3. p. 89-90.

páginas, introduzindo uma dupla motivação, fazer a vontade de Deus e ao mesmo tempo, garantir indulgências plenárias e a salvação de sua alma. A ideia de responsabilidade individual implicava uma atitude diligente, vigilante e atenta em relação a seu próprio futuro escatológico, lembrando que qualquer discurso sobre a morte revela o que está verdadeiramente em jogo, não para os mortos, mas para os vivos e nisto reside sua importância histórica e social.

Quanto à *Breve Direcção* de Aires ela é muito mais rica em informações históricas sobre a Confraria da Boa Morte desde sua constituição, além de descrever em detalhes o ritual devocional realizado no âmbito da Escola. Aires expõe minuciosamente como se realizava a cerimônia que reunia os confrades na igreja dos Jesuítas, citando as orações, jaculatórias, cânticos e gestos que deveriam ser repetidos por todos os presentes no que ele denominou *Praxe do Santo exercício*. Ele não parecia estar preocupado em conciliar a prática da boa morte com citações doutrinárias (como fizera Bonucci em seu manual), focando na descrição e exaltação da prática coletiva dos exercícios da Boa Morte

Considerações finais

A Confraria da Boa Morte dos jesuítas e sua *Escola* de bem morrer são notáveis objetos de pesquisa por lançarem luz sobre as atitudes diante da morte na Cidade da Bahia. São exemplos importantes de uma construção ideológica que permite perceber as nuances das representações escatológicas que faziam parte da mundividência da época e demonstram os esforços empreendidos pela Igreja no sentido de divulgar um modelo pedagógico capaz de doutrinar a comunidade cristã através do medo da morte. Ao mesmo tempo em que cumpriram uma função prática de preparar as pessoas para bem morrer, foram sintomáticas de um momento histórico em que a morte deixou de ser um elemento meramente retórico e tornou-se uma peça fundamental de enquadramento religioso, uma arma perfeita de persuasão.

As obras dos jesuítas Bonucci e Aires são preciosas ferramentas, únicos instrumentos através dos quais pode-se conhecer um pouco sobre a história dessa confraria-escola que atuou por quase oito décadas na Cidade da Bahia, tendo arregimentando significativo volume de confrades. Curiosamente, são livros que englobam todas as características gerais presentes na maioria dos tratados deste tipo escritos em Portugal⁷⁵. Além disso, permitem vislumbrar um importante aspecto da sensibilidade religiosa que permeava a Cidade da Bahia no final do século XVII e início do XVIII, o que só vem reforçar o enorme valor histórico dessas fontes de pesquisa.

Artigo recebido para publicação em 27 de fevereiro de 2014.

75 Segundo Sara Maria Silva, os tratados de preparação para bem morrer possuem algumas características comuns: o direcionamento para o ensino cotidiano de uma boa morte através de um bem viver, contém exortações diárias que envolvem meditações da morte e são destinados a servir como guia de confesores nos momentos derradeiros de acompanhamento de um cristão moribundo Cf. Sara Maria Silva. *O "Breve Aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer a hum cristão" do Padre Estevão de Castro (1612)*. Porto: Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa, Universidade do Porto, 1996. p. 72.